

O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX:

Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso

Roni Cleber Dias de Menezes*

Resumo:

Este artigo pretende investigar aspectos da difusão do método de ensino da leitura de João de Deus no Brasil durante o último quartel do século XIX. Tendo em vista a mobilização intelectual que a propaganda do método trouxe consigo, acredita-se que ele integrou um programa mais vasto de redimensionamento da tomada de consciência do tema decadência/atraso nas sociedades portuguesa e brasileira. Ao mesmo tempo, é igualmente alvo deste trabalho a persecução dos itinerários dos divulgadores do método, quando, então, a atenção se volta para os indivíduos que encetaram a viagem de transposição do Atlântico com o intuito de promover a difusão do método de João de Deus. Com isso, almeja-se mensurar a extensão do redimensionamento aludido, particularmente nos termos dos desafios da jovem nação americana em seus esforços para tomar lugar na “marcha civilizatória” do mundo ocidental.

Palavras-chave:

João de Deus; decadência/atraso; Portugal/Brasil; intelectuais; ensino da leitura.

* Bacharel e licenciado em história pela Universidade de São Paulo. Mestre em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Doutorando em educação pela mesma universidade.

The problem of the education of the reading in the last quarter of 19th century: Portugal, Brazil and the debate on pair decline/delay

Roni Cleber Dias de Menezes

Abstract:

This article aims to investigate aspects of the diffusion of João de Deus' teaching reading method in Brazil during the last quarter of the nineteenth century. Taking in consideration the intellectual mobilization which the method's propagation has brought with it, it is believed that it was part of a larger program of redimensioning the awareness of the topic decay/delay in Portuguese and Brazilian societies. At the same time we also discuss here the persecution of the itineraries of the advertisers of the method when attention turned to the individuals who embarked on the journey of transposition of the Atlantic in order to promote the dissemination of the João de Deus' method. In sum, the article aims to measure the extent of the redimensioning previously mentioned, particularly in terms of the Brazilian challenges in its efforts to take place in the "march of civilization" in the Western world..

Keywords:

João de Deus; Portugal/Brazil; decline/delay; intellectuals; reading's learning.

Introdução

O debate acerca do alardeado par decadência/atraso de Portugal e Brasil, respectivamente, ante os países mais adiantados da Europa perpassou em intensidade os extratos letrados da sociedade desses dois países nas últimas décadas do século XIX. Ele aparece nos documentos de Estado, na literatura, nos trabalhos de cunho científico, nas polêmicas, na imprensa, nas discussões das associações e instituições culturais, no campo da educação etc. Em ambos os países, foi notória a participação nesse debate pela que se convencionou denominar Geração de 1870.

No caso de Portugal, ela teve origem, em linhas gerais, na rebeldia de jovens universitários de Coimbra ante a disciplina rígida e o conservadorismo e imobilismo de certas práticas vigentes na universidade. O grupo formado por esses jovens intelectuais, no interior do qual se contam ilustres homens de letras lusitanos do Oitocento, como Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Francisco Adolfo Coelho, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, buscou inspiração no pensamento de literatos franceses, como Renan, no positivismo de Comte, no idealismo de Hegel e no socialismo utópico de Proudhon e Saint-Simon. O marco da emergência intelectual da Geração de 1870 em Portugal relacionou-se com uma série de polêmicas conhecidas como a Questão Coimbrã, cujo ponto alto se dá quando Antero de Quental endereça a carta “Bom senso e bom gosto”, datada de 1865, ao então reitor da Universidade de Coimbra (UC), António Feliciano de Castilho, “a quem elege como a instância metonímica do sistema intelectual português” (Azevedo, 2005, p. 5-6). Castilho era uma espécie de “padrinho” da geração de escritores ultrarromânticos portugueses, que emergia concomitantemente ao grupo de Quental e Eça de Queirós. O embate com Antero assinala a derrocada da hegemonia de Castilho no meio intelectual do país, e é sintomático de algumas mudanças nos paradigmas de pensamento do Portugal oitocentista, em que os modelos fundados nos parâmetros científicos alcançavam maior prestígio. A imersão na bibliografia sobre a Geração de 1870 portuguesa autoriza a ideia de que os coevos tenham dela tomado consciência durante o

instante mesmo de seu acontecimento¹ e que, percebida pelo viés da literatura e da escrita da história, esse fenômeno tenha extrapolado essas dimensões, assumindo uma feição que também foi de cunho político, social e cultural.

Quanto ao Brasil, a Geração de 1870 – principalmente em decorrência da vastidão do território e da menor coesão política e social em relação a Portugal – foi um fenômeno fragmentário, dividido em várias unidades, que podem ser agrupadas em torno de um mesmo termo menos em função dos conteúdos propriamente programáticos que de uma identidade por negação, construída tanto a partir da oposição ao regime monárquico e à escravidão quanto por intermédio de experiências de exclusão social e política (experimentada por muitos de seus membros), situação essa derivada, segundo a avaliação das “vítimas” dessa exclusão, da ordem social vigente no Segundo Reinado erigida pelos agentes do Partido Conservador desde a década de 1840 (Alonso, 2002). Foram representantes desse grupo: Tobias Barreto, Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, Araripe Jr., José Veríssimo, Clóvis Beviláqua, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, entre outros. Como resposta, esse grupo põe em marcha seu programa de refundação da sociedade brasileira, alicerçado no republicanismo federativo, na reforma dos sistemas jurídico e político, na abolição do trabalho escravo e na separação Igreja-Estado. Esperavam consolidar, dessa maneira, a varredura do que restava dos fundamentos coloniais da formação social brasileira, renitentemente reproduzidos pelo fazer político do sistema monárquico.

De modo geral, os debates no interior da Geração de 1870 dos dois países seriam testemunhas dos conflitos entre as possibilidades econômicas, postas por nações localizadas na periferia do capitalismo contemporâneo – capitalismo este de tintas imperialistas – e as representações da nação sob os signos da decadência e do atraso: representações que, de

1. Diferentemente do caso brasileiro, cuja expressão Geração de 1870 é uma construção *a posteriori*.

modos distintos, porém ao fim e ao cabo, marcavam a visão de mundo não somente de suas elites culturais, bem como de toda a sociedade.

Um dos pilares para a superação dessa dicotomia decadência/atraso residia, para os membros das duas Gerações, na resolução do problema educacional. Os anos de 1870, por seu turno, assistem à transformação da educação em ciência e, nessa medida, o tema da pedagogia traz como eixo a questão dos métodos e procedimentos de um ensino racional, eficaz e científico. Nesse aspecto, o tema da alfabetização adquire especial relevância. O ler e o escrever convertem-se em armas competitivas, instrumentos de cuja posse dependeria o progresso das nações (Boto, 1997, p. 150). Desenvolve-se, no correr da segunda metade do século XIX, uma nítida percepção da parte de determinados setores das elites culturais portuguesas das intersecções entre cultura, civilização e leitura e de que tornava-se evidente a relação entre prosperidade material e o desenvolvimento das letras (idem, *ibidem*). A partir de então, o ensino da leitura passa a ser visto como um projeto civilizatório, passível e necessário de colocar-se à disposição da maioria da população. Embebido dessas concepções, João de Deus cria seu método de ensino da leitura, condensado na *Cartilha maternal* ou *Arte de leitura*, publicação que grande importância obteve na história dos manuais escolares e da alfabetização nas regiões de língua portuguesa. As páginas a seguir serão dedicadas ao estudo das relações entre o problema do ensino da leitura, a disseminação do método João de Deus pelos povos de língua portuguesa, especialmente o Brasil, e suas imbricações no âmbito do debate sobre a superação da decadência.

O Método João de Deus e o projeto de homogeneização do ensino da leitura no mundo lusofalante

A esfera educacional não permaneceu estranha às preocupações da Geração de 1870 portuguesa. É mais do que acertado asseverar que para seus integrantes a reforma dos esquemas mentais da vida nacional

passava, em primeiro lugar, pela realização de um amplo processo de educação e de acesso à informação. Também é lícito considerar que esse conteúdo propositivo se assentava sobre um diagnóstico bastante acre quanto ao estágio em que se encontrava a instrução no país e quanto aos métodos e procedimentos que a orientavam. Ao lado da percepção da inadequação do sistema monárquico e da rejeição à produção e ao consumo de uma literatura já ultrapassada, o diagnóstico dos componentes da Geração de 1870 apontava para um amplo descrédito em relação aos modelos arcaicos de pensamento e de ensino que se praticavam em Portugal na segunda metade do século XIX, a começar por aqueles que informavam os cursos superiores da UC. Essa concepção acerca da inadequação do ensino vigente no país ante as necessidades de melhoramento do nível intelectual da sociedade portuguesa transpareceu no variegado leque de produções literárias e intervenções que os integrantes da Geração realizaram. Assistimos a isso na poesia e nos textos políticos de Antero de Quental, nos escritos de história e economia política de Oliveira Martins, na prosa de Eça de Queirós, na crônica da vida quotidiana de Eça e Ramalho Ortigão (*As Farpas*) e, extremamente relevante nesta lista, nas conferências públicas, como foi a célebre de Francisco Adolfo Coelho em 1871 por ocasião das Conferências do Casino Lisbonense, intitulada “Questões de ensino”, a quarta e última intervenção destas que foram um marco da história da inteligência portuguesa.

Nada obstante, não se nos afigurou nem que a historiografia, a contemporânea da Geração de 1870 e a posterior, tenha encarado o método criado por João de Deus como parte da “obra” reformuladora da dita geração, nem que o próprio poeta tenha a ela experimentado qualquer espécie de pertencimento. Isto é importante ter em vista para que se possa precisar com maior justeza o espectro abarcado pelo método e, *pari passu*, seja estudado com maior profundidade o caráter de suas inovações, tanto no âmbito pedagógico quanto no âmbito mais largo da cultura. É fato que João de Deus, pela proeminência já alcançada no limiar da década de 1870 nos círculos culturais lusitanos, mantivesse diálogos com representantes da Geração, como em relação a Antero

de Quental, o maior nome da poesia portuguesa do período e que muito apreciava João de Deus e seu lirismo, devendo-se a Antero a afirmação de que João de Deus recuperara os luminosos dias do soneto na língua portuguesa, modalidade poética mantida na mediocridade desde Camões. João de Deus também estabelece correspondência com outros membros da Geração, como é o caso de Oliveira Martins², em que, atendo-se à correspondência particular do poeta compulsada nos arquivos da biblioteca do museu pedagógico que leva o seu nome, divisa-se um conjunto de cartas que remetem às vicissitudes da publicação da *Cartilha maternal*, em que ganha destaque os desencontros no acerto de contas de João de Deus com a Casa Bertrand, responsável, à dada altura, pela edição da cartilha e da qual Oliveira Martins era funcionário. Ainda assim, a relativa proximidade de João de Deus com reconhecidos membros da Geração de 1870 não nos autorizou a inscrever o poeta sob a rubrica dessa Geração.

Ainda assim, ao reavaliar-se os itinerários de João de Deus à luz do projeto de irradiação do seu método de ensino, antevê-se o idêntico desígnio da realização da tarefa a que se entregou a Geração de 1870, tendo o método que criara se revestido de um substrato cultural a atuar na reversão da cena decadentista lusitana e, também, na agenda política de “reerguimento” da posição do país no proscênio internacional (em que se sublinha a consolidação e expansão dos domínios coloniais em África).

No tocante às condições e ao caldo de cultura em que se desenrolou o pensamento e ação pedagógica de João de Deus, é proveitoso lançar a mirada para o estágio vivido pelas ciências da educação em Portugal durante a segunda metade do século XIX. Em sua tese de doutorado, Boto (1997) percorre aquilo que chamou de o século XIX português, período compreendido entre as lutas liberais de 1820 e a instalação da república, em 1910. Nesse largo intervalo de tempo a autora debruça-se sobre os intelectuais e seus discursos e percursos pedagógicos, sobre as representações e o cotidiano da escola, sobre a imprensa pedagógica, métodos de ensino, currículo escolar: em suma, passa em revista a socie-

2. Vide correspondência particular de João de Deus arrolada nas fontes manuscritas.

dade portuguesa e a instituição escolar. À partida, Boto (1997) anuncia ao leitor sua proposta:

[...] historiar o cotidiano, pressuposto nele uma história dos atores que vivem a escola; perfazendo o relato da instituição que abriga sujeitos que agenciam o cotidiano escolar, para, finalmente entrelaçar esse ensaio da escola que passou com as representações configuradas no imaginário pedagógico. Sendo assim, pretendemos retomar os cruzamentos entre as representações e as práticas do ensino, considerando a reconstrução pela escrita de alguns aspectos que pontuaram o universo simbólico acerca da educação em Portugal de um século atrás [p. 7].

A acurada análise dos discursos e percursos pedagógicos dos intelectuais portugueses levada a termo por Boto, amparada em sólida e vasta pesquisa documental, constituiu-se um manancial valioso para entendermos as condições que presidiram o aparecimento do método de ensino de João de Deus e, igualmente, do papel e das intervenções dos intelectuais de além-mar quanto à superação da decadência em que se acreditava jazer o país. Em relação ao material trazido por Boto a propósito de João de Deus, alguns aspectos merecem ser sublinhados. Inicialmente, a variegada gama de fontes a respeito do poeta, em que emergem suas obras e, especialmente, a documentação que condensa as polêmicas e disputas em que ele esteve envolvido, como os jornais e os textos escritos por João de Deus que recuperam as circunstâncias da criação da *Cartilha maternal*, sua própria correspondência particular e as alterações vividas com professores da Escola Normal de Lisboa e outros *experts* da educação. Por fim, mas não em último lugar, a reflexão realizada sobre as interfaces e os contributos de João de Deus e seu método de ensino em relação ao estágio das ciências pedagógicas de seu tempo e, identicamente, a historicização encetada pela autora, atentando-se quanto ao lugar alcançado pelo método João de Deus e seu autor em relação àqueles pedagogistas que o precederam, não perdendo de vista, nesse sentido, as inovações que cada método de ensino trazia no tocante à realização dos conteúdos da dita pedagogia moderna.

Boto (1997) também não aponta João de Deus como representante da Geração de 1870 portuguesa. Todavia, apoiada em Catroga (1993), vê em João de Deus uma espécie de aliado dos jovens intelectuais saídos de Coimbra em sua empreitada de romper com o imobilismo da arte, ciência e cultura da sociedade lusitana de então. Eles teriam na pedagogia de João de Deus um baluarte contra a educação praticada naquele tempo em Portugal, identificada por boa parte dos intelectuais que compuseram o Cenáculo e as Conferências do Casino como afeita aos padrões jesuíticos de ensino. Nos dizeres da autora, “a expressão prática desse objetivo (instrução popular e transformação da leitura em atividade ordinária e comezinha, destituída da natureza ‘religiosa’ de que amiúde era investida no tecido social lusitano) estaria dada nas esperanças depositadas no método de ensino da leitura e da escrita desenvolvido por João de Deus”³.

Por intermédio das redes de sociabilidade entabuladas por João de Deus no interior da Geração de 1870, é factível aquilatar o compartilhamento daquela perspectiva inovadora, própria dos integrantes da Geração Nova, por parte de João de Deus. A Geração de 1870, embora tenha adquirido o título em decorrência de apresentar elementos estéticos passíveis de serem aglutinados a partir de um exercício de síntese intelectual, divergiu sobremaneira, tomados individualmente seus membros, quanto a posições políticas, ideológicas, artísticas e mesmo àquelas estéticas que em alguma medida lhes havia conferido, segundo uma interpretação historiográfica, certa coesão. Dentre diferentes exemplos, um dos mais emblemáticos dessa divergência refere-se às figuras de Antero de Quental e Teófilo Braga. Oriundos do mesmo sítio, Ponta Delgada, no arquipélago dos Açores, e também

-
3. Em vida, João de Deus elabora também um método de escrita, que permanece como rascunho durante muito tempo e foi utilizado nas conferências e aulas públicas proferidas pelo poeta, na formação dos professores pelo método, nos cursos ministrados por estes últimos por conta da instalação das missões de alfabetização promovidas pela Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus e, por fim, pelos divulgadores do método em Portugal, nas possessões coloniais ultramarinas e no Brasil.

aglutinados na Geração de 1870, ambos escritores seguem caminhos distintos ao longo de suas vidas⁴. Teófilo, positivista e republicano convicto, entra em colisão com Antero pouco tempo depois de ambos deixarem os bancos universitários em Coimbra. Antero tornar-se-á o líder “espiritual” da Nova Geração: eloquente, captará as atenções e angariará a empatia dos jovens intelectuais insatisfeitos com o modelo coimbrão. Essa opinião é endossada por Boto (1997):

Não são, pois, apenas os estudiosos, mas os próprios contemporâneos já afirmavam a liderança de Antero perante o grupo que mais tarde se revelaria histórico. No princípio dos anos 60, Antero era reconhecido líder e dirigente no âmbito da Academia. Havia já publicado conhecidas poesias, firmava-se na intelectualidade pelo teor da sua crítica política e social [p. 121].

Ao longo tempo, mesmo assumindo posicionamentos aparentemente contraditórios, Antero de Quental radicaliza mais e mais sua crítica, não se restringindo somente à esfera política, mas sim concedendo a primazia à crítica social, em que põe a nu a opressão de classe sofrida pelas camadas laborais do país. Antero chega a elaborar uma proposta de organização corporativa dos extratos trabalhadores portugueses. Em consequência de seu itinerário, afasta-se dos enclausuramentos postos pela adoção dogmática do primado positivista, constrictões, aliás, a que se viram envoltos, em maior ou menor grau, inúmeros dos homens de saberes denunciadores da cena decadentista lusitana. Teófilo Braga, por sua vez, arrogando-se um dos paladinos da interpretação positivista da filosofia da história em Portugal, nem mesmo participa das Conferências do Casino, embora tenha seu nome inserto no manifesto dos participantes, provavelmente, conforme Saraiva (1995), por ação de Antero que o fizera contando com o consentimento de Teófilo.

Não obstante, a deferência em relação a João de Deus e a apreciação acerca de sua importância nos domínios da literatura e da pedagogia são

4. Para uma inteligibilidade mais apurada da relação Antero-Teófilo, ver: Saraiva (1995).

equivalentes tanto em Antero quanto em Teófilo. De um lado, ambos desferem o ataque a António Feliciano de Castilho – criador do *Método Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever* – e ao ultrarromantismo.

João de Deus restituiu-nos o Soneto como elle é, como deve ser: – a forma superior do lirismo. Sem este laço através dos tempos, quem poderia achar aquella forma, para nol-a restituir em toda a sua pureza? Certo que não seriam os Castilhos, nem os Lemos, nem... [Quental, 1897].

Este fenômeno da chamada “Questão Coimbrã”, que significou simplesmente a dissolução final do romantismo [...] não será bem compreendido, sobretudo na transformação da poesia lírica moderna em Portugal, se se não estudar João de Deus como seu precursor. Precedeu no movimento filosófico e crítico os “Dissidentes de Coimbra”, e, sem conhecer a renovação das doutrinas metafísicas e nem as teorias sociais, nem a síntese monística das ciências físicas ou naturais, nem a indisciplina revolucionária, sem ter em vista romper com o passado nem proclamar novas afirmações, como é que ele fecundou duplamente a poesia portuguesa, pela sua obra e por uma influência imediata? [Braga apud Boto, 1997, pp. 141-142].

De outro, e Castilho ainda aqui é protagonista, aqueles autores comungaram da crença na capacidade vivificadora da pedagogia de João de Deus. Antero reconhece uma direção estética e moral na personalidade de João de Deus (embora no quesito moral não tenha sido superior a que exerceu Alexandre Herculano sobre o escritor de *Odes Modernas*) e, pelo prestígio alcançado nos meios letrados da época, consequentemente, com seus elogios a João de Deus, legitima a poesia do autor de *Flores do Campo*. Quanto a Teófilo Braga, além dos seguidos escritos apologéticos sobre João de Deus, ainda organiza uma publicação deste⁵ e produz, após a morte do criador da *Cartilha maternal*, um esboço biográfico sobre sua trajetória e relevância para as artes e ciências pedagógicas portuguesas.

5. Trata-se de *Campo de Flores*, levada a estampa em 1893.

No campo da literatura, a proeminência de João de Deus é realçada também em oposição a Castilho, explicitada pela polêmica a propósito da utilização de *Os Lusíadas* como leitura escolar. Novamente Teófilo Braga defende João de Deus na contenda:

Este (refere-se aos *Lusíadas*), segundo a apreciação que, naqueles anos 50, fizera Castilho, seria inferior ao seu *D. Jayme*, por pedagogicamente não ser recomendável como leitura escolar. Nos termos de Teófilo Braga, isso teria proporcionado a visibilidade da intransigência intelectual de Castilho, particularmente diante do desprendimento moral da resposta dada por João de Deus: “– Condenar os *Lusíadas* porque não servem para *Cartilha do Padre Ignácio* é o mesmo que condenar a *Cartilha do Padre Ignácio* porque não serve para epopeia nacional” [Braga apud Boto, 1997, p. 141].

Boto (1997) prossegue sopesando o valor da pedagogia de João de Deus para os componentes da Geração de 1870, as inovações trazidas pela *Cartilha maternal*, seu aspecto físico, a metodologia de ensino nela contida, o debate acerca da soletração, silabação e “palavração”, a relação professor/aluno, a apreensão da *Cartilha maternal* pela incipiente comunidade de especialistas em matéria pedagógica do período, as polêmicas de João de Deus pela imprensa, a comparação do método de ensino do poeta com o de outros pedagogistas portugueses, a primazia da leitura nas discussões a respeito dos problemas enfrentados pela instrução primária nacional, a glorificação do nome de João de Deus e o papel que a extensão e o sucesso de seu método obteve nesse quesito etc. Todavia, na comparação com os objetivos e os rumos tomados por sua pesquisa, algumas considerações devem ser feitas, no intuito explícito de demarcar o alcance e as intenções do presente artigo. Antes de tudo, é importante frisar que não foi nosso alvo nos imiscuir no cotidiano escolar português e nem investigar as representações e lutas de representações da escola no Portugal no intervalo que vai de 1820 a 1910. Sem embargo, precipuamente sua reflexão concernente aos discursos e percursos intelectuais é de fundamental importância

para nosso propósito de investigar a ação dos intelectuais portugueses e brasileiros quanto ao encaminhamento da problemática decadência/atraso e por à prova a hipótese levantada do compartilhamento entre os homens de saberes dos dois países de projetos de afirmação e desenvolvimento das respectivas economias no cenário da fase imperialista do colonialismo europeu de fins do século XIX. Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar alguns pontos no delineamento do alcance deste trabalho e das valiosas contribuições trazidas ao campo da cultura pela tese de Boto, até para que as especificidades inerentes a este trabalho possam emergir mais nitidamente.

A consulta feita à correspondência particular do poeta e aos periódicos da época que conservam as disputas entre João de Deus e seus adversários forneceu-nos o ensejo para supor que, aliado aos aspectos eminentemente pedagógicos, a divulgação do seu método de ensino da leitura e de sua *Cartilha maternal* também carregou consigo uma empresa de conotação mercantil. Há vários indícios nesse sentido, desde a incessante acusação de seus opositores quanto ao seu presumível charlatanismo⁶, passando pelos litígios envolvendo o autor e as casas editoriais da *Cartilha maternal* quanto aos valores relacionados aos custos de publicação e, o que corresponde a um fator relevante para este estudo, a discussão acerca de uma eventual instrumentalização de indivíduos letrados portugueses com o intuito de que empreendessem viagens a fim de propagar o método e a cartilha nas então colônias ultramarinas lusitanas e no Brasil. Não se trata, de modo algum, de circunscrever-se o movimento de difusão do método de leitura de João de Deus a uma

6. Nas polêmicas travadas por João de Deus com os professores da Escola Normal masculina de Lisboa e outros teóricos da educação era, amiúde, negado ao poeta o reconhecimento como “especialista” em ciências pedagógicas. Reforçava-se a pouca antiguidade de João de Deus no integrar o rol dos *experts* em matéria educacional. Vinculado a isto, escrevia-se que a criação do método por João de Deus se restringia a um mero expediente lucrativo, e que a *Cartilha maternal* era vendida a um preço que excedia em várias vezes o valor justo a ser pago por uma publicação daquela natureza.

prática exclusivamente de cunho comercial, mas sim, e é o que se pretende averiguar mais a fundo, checar uma possível simbiose entre uma ação no campo da alfabetização, a disseminação de valores que apontava para o derramamento da instrução ainda no terreno do lar doméstico – em que sobrelevava a figura da mãe –, o entendimento da resolução do problema do ensino da leitura e escrita como obra fundamental da ação civilizadora das elites culturais – condição *sine qua non* para o reerguimento do país no contexto das disputas coloniais – com uma atividade ligada ao empreendedorismo comercial.

Num exercício sintético, o estudo que ora se produz aproveita as ponderações de Boto (1997) sobre os intelectuais portugueses para interpretá-los à luz do encaminhamento da anteriormente mencionada problemática decadência/atraso. De fato, o raciocínio efetuado pela autora propicia que se desloque o problema para pensar de que forma as tensões entre discursos de aprimoramento da instrução primária e dos apetrechos culturais da população lusitana – a fim de se equipararem com a média europeia – atravessam o Oceano Atlântico e se amalgamam com a “demanda” brasileira pela superação de seu alardeado atraso, quando, então, poderia mostrar-se ao mundo ocidental como nação “civilizada”.

A questão da difusão do método João de Deus e da *Cartilha maternal* ganha contornos específicos neste artigo na medida em que não se busca necessariamente o mapeamento da aceitação e aplicação do método e manual escolar, e/ou sua “oficialização”, nas instituições e sistemas de ensino das regiões de língua portuguesa. Indubitavelmente que em alguma medida se tornará imprescindível, ou proveitoso, que se explore o quociente da abrangência geográfico-espacial a que logrou atingir o método. Porém, em primeiro lugar, a atenção se volta para os mecanismos de propaganda e validação de sua proficiência, e da cartilha consequentemente, junto às instâncias e lugares em que se procurou divulgá-lo. A mobilização de intelectuais e forças sociais que, encontrando no método de ensino e na proeminência alcançada por João de Deus uma plataforma de atuação que lhes auxiliasse em seu desiderato de intervenção política e social e que lhes propiciasse

uma entrada para a atualização do debate decadência/atraso e para a formulação de propostas para a superação dessa condição⁷, é que mais nos interessa nesse terreno.

Esta investigação a propósito da difusão do método de ensino da leitura de João de Deus confere azo a uma exploração a respeito do modo como seus divulgadores encetaram o projeto de vulgarização do método de ensino e as conseqüentes batalhas pelo controle de sua apropriação. Tanto em Portugal quanto no Brasil João de Deus denunciava a imitação de seu método e as contrafações da *Cartilha maternal*.

[...] Eu pensava em mandar o José (refere-se ao seu filho José do Espírito Santo Ramos), mas isto está agora mais complicado porque os meus pequenos interesses estão sendo muito cerceados pelas contrafações que se estão fazendo no Brasil das minhas obras de mais venda [*Carta de João de Deus ao seu primo José Ramos Moreira*]

Este tema da apropriação e do controle do método e da cartilha – visto à luz da correspondência pessoal de João de Deus – traz à tona, igualmente, um outro aspecto relevante da difusão do método: o interesse mercantil veiculado junto à propaganda dos materiais a ele relativos, nomeadamente *Cartilha maternal*.

Na consulta à correspondência pessoal de João de Deus pertencente à biblioteca do museu que leva seu nome, identificamos uma recomendação expressa de propaganda do método e da *Cartilha maternal* no Brasil. Essa recomendação era endereçada a dois indivíduos que, partindo de Portugal, estabeleceram-se em dois pontos estratégicos do império brasileiro, Pernambuco e o Rio de Janeiro. Para a província mais ao norte fora enviado Manuel Portugal e Castro, para o qual não foram encontrados dados substantivos quanto ao seu local de origem em sua terra pátria e à sua trajetória, apenas que já havia exercido o magistério. De qualquer

7. Interrupção do processo de perda de prestígio de Portugal no cenário europeu e, no caso brasileiro, afirmação perante o Ocidente de pertencimento ao “concerto das nações” do “mundo civilizado”.

modo, Manuel Portugal e Castro chega ao Brasil em 1879, secundando, pois, os trabalhos que já vinham sendo executados pelo propagandista enviado ao Rio de Janeiro. Também não foi possível checar a antiguidade das relações entre Portugal e Castro e João de Deus, se existiram laços que ultrapassavam a admiração do professor pelo poeta e seu método de ensino. No entanto, a afirmação de que Portugal e Castro fora realmente enviado ao outro lado do Atlântico com um fim específico se ancora no conteúdo dos pedidos que faz a João de Deus, como recursos financeiros para a viagem, cartas de recomendação para que seja bem acolhido e material suficiente para que possa dar início à exposição do método, como exemplares da cartilha e os quadros parietais. Ademais, Portugal e Castro se estabelece em Recife, cidade com características bastante peculiares, uma comunidade extensa de portugueses e seus descendentes e com forte apelo para a atividade comercial urbana. Até agora não se conseguiu identificar de maneira exata as nuances que apontaram para a ida de Manuel Portugal e Castro ao Recife, nada obstante, sabe-se que a *Cartilha maternal* já circulava pela atual região Nordeste do Brasil, e certamente tornava-se premente direcionar a aplicação do método conforme um roteiro preestabelecido.

Para a Corte segue Antônio Zeferino Cândido, doutor em matemática pela UC, onde também lecionou antes de seguir viagem ao Brasil. Foi igualmente professor no Colégio Acadêmico daquela cidade. A respeito dele encontram-se muito mais informações, tanto antes de seu embarque para o Brasil, ocorrido em agosto de 1878, quanto no tempo que aqui permaneceu, por mais de duas décadas. À chegada, além de imediatamente pedir audiência com o imperador D. Pedro II, Zeferino põe-se em marcha e realiza uma série de preleções acerca da superioridade do método João de Deus nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Além de seu trabalho como divulgador do método *stricto sensu*, são dignas de nota as redes de sociabilidade por ele constituídas no Brasil, sua produção literária e a inteligência histórica que engendra a propósito de Portugal e de sua mais rica ex-colônia. Por meio dessa inteligência, esse professor de matemática, redator de revistas e jornais e proprietário de colégio procurou redesenhar o devir dos dois países em questão.

O *Método João de Deus* e a *Cartilha maternal* rapidamente se disseminam para além das fronteiras do Portugal continental, sendo enviados professores e divulgadores para a Ilha da Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Brasil. Menos de dois anos após a primeira edição da cartilha por uma editora portuense, divulgadores já se encontravam em solo brasileiro realizando o trabalho de propaganda do método criado pelo poeta lírico português. A data estampada no frontispício da cartilha é 1876, no entanto, ela sai da tipografia no ano de 1877. Seu conteúdo estaria já esboçado na cabeça de João de Deus há pelo menos sete ou oito anos, de acordo com Ferreira (1977). A história oficial a respeito do poeta, produzida pela Associação de Jardins-Escolas João de Deus, aponta para o fato de que a origem da *Cartilha maternal* está associada a um convite de um tal senhor Rovere, ligado a Casa Rolland, para que criasse um método de leitura adaptado à língua portuguesa. Ainda conforme Ferreira (1977), juntamente com a *Cartilha maternal*, própria para o ensino individual, foram publicados, respeitando o ensino simultâneo, quadros parietais e reprodução em ponto grande de todas as lições da cartilha (p. 158-160). Sabe-se que nas possessões portuguesas em África ocidental, ao que atualmente corresponde ao território de Angola, o ensino das línguas nativas seguiu uma gramática inspirada na *Cartilha maternal* de João de Deus⁸. A correspondência pessoal de João de Deus abarca o interesse pela África. Seu compadre Louis Carloman Capdeville, professor de línguas e sabido propagandista do método, intentava dar seguimento em Angola ao trabalho de divulgação que já fizera na cidade da Praia, em Cabo Verde:

Emprego para a África não o descubro, o que me parece fácil obter-se é a sua passagem e da família gratuita. Tenho agora um negociante de Luanda que vem de propósito a Lisboa aprender a ler. Diz-se que um professor que venha dar ali tem o que fazer, conquanto o que ali aparecem são professores

8. Vide a *Cartilha racional para se aprender a ler o kimbundu (ou língua angolense)* escrita segundo a *Cartilha Maternal* do doutor Josão de Deus. Para mais informações acerca da cartilha de Cordeiro da Matta, ver: Oliveira (1982, p. 201-211).

que depressa desenganam os crentes. Veja se isso lhe agrada, para cuidar de lhe obter a passagem [*Carta de João de Deus a Louis Carloman Capdeville*].

A partir de 1882 a divulgação do método é facilitada pela criação da Associação das Escolas Móveis, instituição que congregava em suas fileiras vários indivíduos da maçonaria e que administrava a ação das “missões”, aulas ministradas por professores formados pelo próprio João de Deus e que, geralmente a pedido das municipalidades, associações e/ou figuras proeminentes da sociedade, possuíam por escopo o ensino da leitura de acordo com o método criado pelo poeta. No entanto, malgrado sua rápida e vigorosa expansão, isto não se deu sem percalços. O exame da correspondência de João de Deus, de suas obras de apreensão da trajetória da aplicação do método e dos jornais do período dão um panorama das polêmicas a que esteve envolvido o poeta e a Associação. Refutava-se a originalidade do método a João de Deus, punha-se em xeque se suas intenções não eram antes de lucro comercial com a venda das cartilhas (vendidas a um preço exorbitante, segundo seus críticos) que genuinamente de combate ao analfabetismo. Nessa disputa, travada com pedagogistas e igualmente com o pessoal docente da Escola Normal masculina de Marvila, em Lisboa, reconhece-se a intenção de João de Deus de legitimar, por meio até da ridicularização de seus oponentes, seu método de ensino como o melhor apetrechado para o aprendizado da leitura, em que se sobressaem a economia de tempo e a permanência da habilidade leitora nos indivíduos que frequentavam as aulas. Alguns trechos das polêmicas entabuladas pelo poeta e seus adversários dão bem o tom da justificação da primazia do método de João de Deus ante o que havia em Portugal no período:

Reinava a fantasia e a extravagância. A falta do método atestada por quantos sabiam ler, e ainda mais pelo sem-número dos que não sabiam ler, fiava atenção e mercado à vaidade e cobiça de todo o escrevinhador. Os mesmos de boa-fé, vendo que homens de razão e estudo não tinham achado método, tentavam a eventualidade por combinações caprichosas. Tal houve, que deu à luz sete cartilhas, todas diferentes como se fossem cada uma de seu pai!

O sr. Raposo publica a sua – deixando a aplicação, o uso, que é o mesmo texto em ação, e o segredo da sua utilidade, ao gosto por mais vário e depravado de cada qual!

[...] A alma duma nação como a nossa, onde em quatro milhões e meio de habitantes há quatro milhões e um quarto de analfabetos, acha-se quase nas condições do instinto animal, e tal nação é necessariamente miserável: feliz dela se arredada dos povos cultos pode ainda conservar as virtudes próprias das suas irmãs bárbaras ou patriarcais; senão, em contato com todos os vícios e ambições naturais da civilização, e sem os recursos da reflexão e da indústria, à miséria reconhecida que é ainda maior miséria, ajuntará a corrupção.

Do sentimento dessas verdades mais ou menos refletidas nasceu o acolhimento extraordinário, sem par, da nossa arte de leitura, que se mostrou logo reduzir o ensino de anos a meses, e de meses a dias: não por artifícios mecânicos e cerebrinos, mirando só aos resultados técnicos, e sem respeito às condições morais do aluno, mas por meios rigorosamente lógicos e por isso singularmente profícuos. Desde as mais notáveis pessoas da ciência e das letras, da imprensa e da política, até ao meio selvagem que adquiria a *Cartilha maternal*, como houve muitos, sem saber ler nem ter quem lhe ensinasse, mas só para oferecer ou possuir, tudo foram bênçãos, saudações e aplausos de ensoberbecer a quem a frieza dos anos, senão mais dos desenganos, consentisse algum entusiasmo [Deus, 1881, p. xviii-xix].

A respeito da acusação de plágio de que era alvo a *Cartilha maternal*, João de Deus defende-se utilizando um recurso retórico que aponta para uma superioridade de seu saber pedagógico, o qual emanava espontaneamente, independentemente de comparações com os teóricos da educação portugueses de seu tempo:

Como já tive ocasião de dizer na Tribuna, fui convidado há uns sete anos, pelo Sr. Rovere, a compor uma cartilha. Não era justo aproveitar-me de trabalhos alheios, para lhes fazer concorrência, e por isso o meu propósito foi logo não tomar conhecimento de publicações análogas, limitando-me ao estudo do assunto.

[...] Abstraindo-me, como disse, das publicações análogas, limitando-me à própria reflexão, ainda assim não me pareceu a questão insolúvel, por estar posta, não em condições de superioridade, mas só nas que impõe o natural decoro de escritor, que era ser minha a solução.

[...] Este plano ainda hoje me parece ao alcance de todos; porém na minha ignorância dos métodos alheios, e cõnscio das minhas induções, que dúvidas podia eu ter em publicar uma cartilha sobre tais bases? Se outro tinha pensado como eu, eu tinha pensado como ele. A novidade não é a originalidade; assim como a consciência não é o plágio. Porque há coincidências, e é talvez uma que sugere estas linhas.

[...] Resumindo, – a *Cartilha maternal*, tivesse ou não tivesse novidades, é original, minha, quanto pode ser nosso o que produzimos no mundo literário [Deus, 1881, p. 18-24].

A difusão do Método João de Deus para além do Portugal continental: por uma plataforma da superação da dicotomia decadência/atraso

Retomando uma preocupação elencada anteriormente, frise-se que com a atenção voltada para os que encetaram a viagem de transposição do Atlântico para promover a difusão do método João de Deus no Brasil, almeja-se mensurar qual extensão, ou mesmo se ela existiu de fato, do re-dimensionamento da problemática da decadência em Portugal em termos dos desafios da jovem nação americana em seus esforços para tomar lugar na “marcha civilizatória” do mundo ocidental. À partida, dedicando-se ao tema da posse da competência do ato de ler, estes homens de letras se imiscuem na vida intelectual brasileira e terminam por tecer emaranhadas redes de sociabilidade que os conectam com parte da *intelligentsia* do país, justapondo e/ou conjugando as tarefas de ambas elites intelectuais de Portugal e Brasil a fim de que se encaminhe a solução da dicotomia decadência/atraso (respectivamente), agenda esta que informava em larga medida a agenda política e intelectual dos dois países.

Antônio Zeferino Cândido, o primeiro divulgador do método João de Deus no Brasil, nasce em Vila de Serpins, Concelho de Louzã, em Portugal, em 1848. Já professor de filosofia, doutorou-se em matemática em 1875 pela UC. O índice dos docentes da UC, que abarca todos os professores da universidade após a reforma pombalina de 1759, não autoriza a hipótese de que Zeferino tenha sido lente da Faculdade de Matemática, no entanto, a documentação relativa aos alunos e docentes constante do arquivo da UC aponta para outra dimensão, validando a interpretação de que Zeferino tenha efetivamente lecionado na Faculdade de Matemática da UC.

Ele também foi professor e diretor do Colégio Acadêmico de Coimbra. Chegado ao Brasil em agosto de 1878, desembarca na corte para, em seguida, percorrer diversas municipalidades das províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro, com o fito de difundir o método. Reconheci na correspondência de João de Deus cinco cartas enviadas por Zeferino, sendo duas delas quando já se encontrava no Brasil. Essas cartas fornecem valiosas informações para compreender os propósitos que ampararam a viagem de Zeferino à ex-colônia portuguesa na América e qual a importância que essa colônia assumia como receptora dos bens culturais produzidos em Portugal. A terceira correspondência que envia a João de Deus informa a respeito de sua ida ao Brasil. Nela, é possível distinguir a correlação entre a viagem de transposição do Atlântico e os interesses comerciais de exploração da *Cartilha maternal*:

Coimbra, 25 de Junho de 1878.

—?—

Meu prezadíssimo amigo

Não me serão de embaraço a questão das febres. É certo que ellas tem andado um pouco acentuadas, mas vão em declínio, e o inverno no Rio de Janeiro, que começa em agosto é o melhor tempo, em que a moléstia tem uma relativa benignidade.

É também certo que a epidemia ataca de preferência a estrangeiros, mas dizem médicos e viajantes que ella escolhe aquelles que se expõem, e respeita o que tem cuidado e boa hygiene. Eu conto com a minha prudência e até certo ponto com nenhuma preocupação. Irei, pois, se o Terenas me der

resposta afirmativa, às considerações que lhe fiz às considerações que lhe fiz na minha ultima carta.

Na grande dificuldade, por não dizer mesmo impossibilidade que estou de sahir de Coimbra rapidamente, fiz ao Terenas uma sucinta exposição do meu juiso a respeito dos meios práticos de realizar esta empresa que se me afigura brilhante. Reservo-me para, depois da sua resposta, ordenar aqui as minhas coisas e ir para Lisboa estar todo o tempo que antecede a minha partida. Então reviria as salutares e indispensáveis prelecções de V. Ex^a e receberia toda a ordem de instrucções attinentes ao nosso propósito. Por essa occasião, ou logo que possa roubar dois dias de meus trabalhos que estão a findar, terei o imenso gosto de revir as revelações de que V. Ex^a me quer fazer depositário, e que eu, (permitta-me que o seja) considero já no numero das grandes revelações em que acredito.

Peço, pois, a V. Ex^a, que fique bem certo de que a minha demora aqui será tão somente pelo tempo indispensável ao acabamento da mais urgente parte dos meus trabalhos; e que creia que eu sou com grande veneração.

De V. Ex^a

Amigo muito dedicado

Antônio Zeferino Cândido

[Carta de Antônio Zeferino Cândido a João de Deus].

Já no Brasil, Zeferino esforça-se por agendar uma audiência com o Imperador D. Pedro II. O tema do direito autoral e da propriedade intelectual foram os assuntos centrais desse encontro, haja vista os problemas enfrentados com as contrafacções da *Cartilha maternal*, já em circulação no império brasileiro.

Rio de Janeiro, 02/09/78

Rua da Ajuda, 179 – Hotel D. ?

Não lhe minto, disendo-lhe que não tenho tido vaga para lhe escrever. A roda viva tem sido a minha lei. Nem uma manhã sem ter gente em casa, ou casas onde és com urgente necessidade, nem uma tarde sem __?__, nem uma noite sem reunião.

Não posso ainda dizer-lhe nada do resultado real de minha missão [...] effeito moral posso affirmar-lhe que temos excellente. Todos os jornaes daqui lhe podem dar uma franca idéia do que lhe affirmo. A Cartilha já é um livro sagrado para o Brasil, e o autor um fetiche que todos veneram.

Mas o lado material da questão é altamente importante, e desse ainda em verdade não posso ainda cantar vitória. A propriedade litteraria no Brasil é verdadeiramente uma figura de rethorica. É fácil ao primeiro aventureiro fazer cartilhas e quadros, apesar de haver aqui proprietário. Não se suspeita a propriedade litteraria dos brasileiros. Há factos julgados aos centos, não se discute este ponto. Quando amigos e interessados me puseram a quantas em toda a sua evidencia, eu retrahi a minha expansão, e procurei segurar-me.

Estou lançando as bases para obter privilegio da introduccão e exploração do methodo, e em quanto não o obtiver nada mais faço.

Depois, temos duma gloria uma fortuna.

Mas hoje vou fallar com o Imperador, que tem estado de nojo, e só hoje póde dar audiência; não fecharei esta sem lhe dizer o que passei com elle.

Mas, diga-se a verdade, tem havido extraordinário descuido dahi sua remessa de Cartilhas, de quadros, e de procuração passada pelo meu amigo para a minha exploração. O Garnier tem estado a vender a Cartilha por 1500 réis. Abuso que se explica pela falta d'elles e porque elle é um refugiado judeu.

O Couto é um pobre asno que precisa ser empurrado para andar. Venha cá umas 800 cartilhas que creio estarão em quarto minguante; e quadros nada.

Veja o meu amigo se promove o andamento destas coisas. Eu escrevi há dias ao Terenas e cantava-lhe a primeira musica. E é preciso attender que o Abbade de Arcosello tem que intervir na questão como editor da Cartilha.

É preciso, assim, que elle também me auctorisae a explorar a venda do livro.

Tenho me encontrado e me aproximado mesmo do D. José Ayres da Silveira Mascarenhas que é meu íntimo amigo. A idéia deve-lhe já bons serviços, e creio que lhe devesse mais ainda. Elle pede-me que o recomende e eu cumpro ___?___ encargo. O Bordalo Pinheiro deu no *Besouro* o seu retrato. Está melhor que o do Ocidente. A colônia portugueza é aqui um Colosso, e a colônia portugueza tem-me obsequiado extremamente.

Fallei com o Imperador. Recebeu-me bem, parecendo-me que devo contar com o seu apoio.

Fallei também com o Ministro do Império. Prontificou-se a conceder-me o privilégio. Temos pois tudo resolvido. Falta apenas aquillo que já devia ter vindo – procuração e livros e quadros. Espero que não ficarei esperando muito tempo, porque o amigo e o Terenas devem comprehender a gravidade do negócio.

Acho esplendida occasião para se fazer uma edição dos seus versos. Todos me fallam n'elles.

Aceite um apertado abraço meu; desculpe a minha forma e pressa; dê muitas lembranças ao Terenas e receba saudades do ___?___.

Todo seu

Antonio Zeferino Candido

[Carta de Antônio Zeferino Cândido para João de Deus].

As cartas de Zeferino pouco revelam acerca de suas vinculações progressas com João de Deus, especialmente quanto às motivações que o teriam feito evadir-se de Coimbra para a empresa de divulgação do método do Brasil. As cartas também não esclarecem se, *a priori*, Zeferino teria partido com o desiderato de permanecer mais de vinte anos no Brasil, nem tampouco discorrem sobre sua *tournee* pela província de São Paulo. Todavia, a ligação estabelecida com o poeta, ou pelo menos a admiração, permanecem ainda duas décadas após a partida de Zeferino para o Brasil, como se percebe pela epígrafe retirada de uma das poesias de João de Deus e que emoldura sua obra *Homenagem a Vasco da Gama*.

Q'eu cá por mim, bem sabes como eu sou,
Mas é que outro talvez mande tirar
Certidão de baptismo a teu avô...

(João de Deus)

[Cândido, 1898].

De modo geral, até onde se conhece, é lícito afirmar que António Zeferino Cândido foi o primeiro divulgador e entusiasta da *Cartilha ma-*

ternal e do método de ensino de João de Deus, prestando-se, pois, a vir ao Brasil fazer uma série de conferências públicas sobre suas bases.

Realiza turnês de divulgação do método João de Deus nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, entre 1878 e 1879, após o que se fixa na corte, permanecendo aí até a primeira década do século XX. Maçom, positivista, sócio do Real Gabinete Português de Leitura (RGPL), sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), diretor da revista e membro da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Rio de Janeiro, proprietário e diretor do colégio São Pedro de Alcântara, redator e colaborador de inúmeros periódicos – como *O Cruzeiro*, *A Época* e *O Paiz* –, Zeferino logrou ocupar importantes postos institucionais e estabelecer vários laços de sociabilidade entre a sociedade letrada brasileira de *fin-de-siècle*. No Rio de Janeiro, também publicou: *Portugal*, grande edição de luxo composta de 3 volumes, escrito como seu contributo para a comemoração do 4º centenário da viagem de Vasco da Gama às Índias; *Três Estudos*, três monografias sobre os empreendimentos de Vasco da Gama, Villegaignon e Cristóvão Colombo; *Brazil*, grande edição de luxo, que veio a público em 1900 por ocasião das comemorações do 4º centenário da viagem de Pedro Álvares Cabral⁹, entre outros textos publicados. Regressa a Lisboa em 1901. De volta à terra natal, funda o jornal *A Época*, do qual foi proprietário e diretor, curiosamente de mesmo nome daquele que dirigiu no Rio de Janeiro.

Continuou como sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa e, proclamada a República em Portugal, em 1910, radicou-se na Espanha. Morre em 1916. Zeferino tem um percurso singular, vinculado aos círculos antimonárquicos em Portugal (recebe apoio do Partido Republicano Português para viajar ao Brasil) e no Brasil (basta relembrar o interesse com que os republicanos paulistas cobriam sua turnê de difusão

9. Para a escrita de *Brazil*, Zeferino obteve patrocínio do IHGB – provavelmente a obra lhe teria sido encomendada pelo próprio IHGB –, e para sua confecção Zeferino afirma ter percorrido toda a costa brasileira, de Santos ao extremo norte, contando, inclusive, com auxílio financeiro de indivíduos de sua roda social para empreender a viagem.

do método de ensino da leitura de João de Deus na província de São Paulo), cumpre um percurso que o mostra, já no final do século XIX, um intelectual identificado com ícones da monarquia brasileira (vide IHGB), alimentando, pelas páginas da *Revista da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Rio de Janeiro*, uma representação do Brasil como prolongamento cultural português na América. A aproximação com determinadas células da colônia lusitana no Rio de Janeiro, o engajamento no projeto da seção carioca da Sociedade de Geografia de Lisboa de apoio às pretensões neocolonialistas portuguesas no continente africano, revelam certo reordenamento do percurso político-ideológico de António Zeferino Cândido, em que a reverência às cores da bandeira dinástica ganham denodado relevo¹⁰. Seu itinerário revela, enfim, de modo sintético, as ambivalências dos diagnósticos e, principalmente, das proposições das tertúlias intelectuais de fins dos Oitocentos, a partir, sobretudo, do ecletismo em que se verifica a apropriação das correntes cientificistas em voga na época e em seus encaminhamentos do problema da decadência e da superação do atraso civilizacional ibéricos.

Referências bibliográficas

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AZEVEDO, André Nunes de. “As ideias de decadência e regeneração no ideário político de Antero de Quental”. Edição eletrônica da *Revista Intellectus*, ano

10. “A África e o Atlântico; eis o nosso destino bom; o campo da nossa faina de honra e de proveito, a verba testamentária dos nossos antepassados, heroes que mais nos incita à lucta; o Eldorado que mais nos sacia a ambição... À África, iremos com o capital e com a sciencia colonisadora; ao Atlântico, com o barco e com a illustração commercial. E então dias felizes e gloriosos volverão para esta raça de heroísmos e de generosos ideaes; *a nossa bandeira, branca como as consciências puras dos que trabalham com honra, azul como o céu dos que sonham amores leaes*, voltará por todos os pontos onde já foi como pendão de conquistas, a desdobrar-se em penhores de proveitosas alianças; o nome portuguez eccoará de novo pela terra, como o do missionário do amor e do bem” (Cândido, 1902, pp. 54-55). Grifo meu.

IV, v. I, 2005, p. 1-21. Disponível em: < <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano4n1/Texto%20de%20Andre%20Nunes%20de%20Azevedo.pdf>>. Acesso em: 12 de ago.

BERRINI, Beatriz. *Brasil e Portugal: a Geração de 70*. Porto: Campo das Letras, 2003.

BOTO, Carlota J. M. C. dos Reis. *Ler, escrever, contar e se comportar: a escola primária como rito do século XIX português (1820-1910)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CÂNDIDO, António Zeferino. *Homenagem a Vasco da Gama*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1898

_____. *Relações commerciaes entre Portugal e Brazil, duas conferencias na Associação Commercial de Lisboa*. Lisboa: Typographia Companhia Nacional Editora, 1902, p. 54-55. Grifo meu.

CATROGA, Fernando. “Os caminhos polémicos da geração nova”. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*, v. 5, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 569-581.

DEUS, João de. *Cartilha maternal ou Arte de leitura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

_____. *A Cartilha maternal e o apostolado*. Lisboa: Viúva Bertrand & Cia, 1881, p. xviii-xix

FERNANDES, Rogério. “Cultura e educação em Portugal nos finais do século XIX”. In: A GERAÇÃO FINISSECLAR NA PENÍNSULA IBÉRICA, 3 de dezembro de 1998. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa, vol. XIII, IIª série, 2000/2001, p. 189-200.

GOMES, Joaquim Ferreira. *A educação infantil em Portugal: achegas para a sua história*. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

GRUNEWALD, José Lino (org.). “Os vencidos”. In: *Antologia de Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195.

HILSDORF, Maria Lúcia S. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

LEHER, Elizabeth Menezes Teixeira. *A Revista Brasileira (1879-81) e os debates sobre ciência, língua, literatura e educação*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARY, Cristina Pessanha. “A geografia no Brasil nos últimos anos do Império”. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, jul./dez., 2005, p. 156-171.

MEDINA, João. *Eça de Queirós e a Geração de 70*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

MENEZES, Roni Cleber Dias de. *O grupo do Almanach Litterario de São Paulo: paradigmas da sociabilidade republicana nos tempos da propaganda (1876-85)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOTA, Carlos Guilherme. “O Brazil Mental (1898). O Brasil nos horizontes da revolta republicana portuguesa de 1891: um estudo da obra de Sampaio Bruno”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 111, out./dez., 1992, p. 21-40.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Brasil e Portugal: imagens de nação na Geração de 70 do século XIX*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

NEMI, Ana Lúcia Lana. “Brasil e Portugal: a história nacional entre tradição e renovação”. São Paulo, *Almanack brasiliense*, n. 4, nov. 2006, p. 49-64.

PEREIRA, Sérgio L. Nunes. *A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PIRES, Antônio Machado. *A ideia de decadência na G 70*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1992.

QUENTAL, Antero de. “A João de Deus”. In: ARAÚJO, Joaquim de. *Bibliographia Antheriana: resposta aos Srs. Delfim Gomes e José Pereira de Sampaio*. Gênova: Tipografia R. Instituti Sordo-Muti, 1897

SARAIVA, Antônio José. *A tertúlia ocidental*. Lisboa: Gradiva, 1995.

TAPAJÓS, Vicente; TÓRTIMA, Pedro. *Dicionário biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros*, v. 4. Rio de Janeiro: IHGB, 1993.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra*. Bragança Paulista, EDUSF, 2004.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005.

Correspondências:

Carta de João de Deus ao seu primo José Ramos Moreira, A. P 1-2 (MJD), fl. 58. – M 134

Carta de João de Deus a Louis Carloman Capdeville, A. P 1-2 (MJD), fl. 67. – M 143).

Carta de Antônio Zeferino Cândido a João de Deus, A. Y. P 1-41 (MJD), fls. 113-115

Carta de Antônio Zeferino Cândido para João de Deus, A. Y. P 1-41 (MJD), fls. 131-134

Endereço para correspondência:

Roni Cleber Dias de Menezes

Av. da Universidade, 308

Cidade Universitária – São Paulo/SP

CEP: 05508-040

E-mail: roni@usp.br

Recebido em: 7 abr. 2009

Aprovado em: 1 jul. 2010